

ELDORADO DO SUL

A CIDADE DA GENTE

Marta Góes

alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de **Estúdio Rebimboca**



ELDORADO DO SUL

A CIDADE DA GENTE

Marta Góes

alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de **Estúdio Rebimboca**



OLHARES

São Paulo 2025



Somos a Aegea, empresa referência no setor de saneamento básico no Brasil, com quinze anos de história. Por meio de nossas concessionárias espalhadas de norte a sul do país, atendemos mais de 39 milhões de pessoas, em quinze estados e mais de 890 municípios. Temos o propósito de movimentar a vida, levando saúde e dignidade para milhões de brasileiros com serviços de água potável, coleta e tratamento de esgoto.

Mas vamos além dos benefícios gerados pelo serviço de saneamento que prestamos! Temos o olhar para o cuidado com as pessoas e com o meio ambiente e somos mestres em “brasicidades”, valorizando profundamente os saberes e as histórias dos territórios onde estamos.

O patrocínio deste livro une a Corsan e o Instituto Aegea, organização sem fins lucrativos que é o braço de iniciativas socioambientais da companhia e tem a missão de contribuir com o desenvolvimento dos municípios de atuação do Grupo Aegea, visando gerar impacto positivo e prosperidade compartilhada por meio das melhores práticas socioambientais.

Fazemos isso ao promovermos parcerias como esta, no projeto A Cidade da Gente, que convida jovens estudantes de escolas públicas a mergulharem na história de suas cidades, de forma a honrá-la e valorizá-la, além de estimular seu interesse pela leitura e pela cultura, contribuindo diretamente em suas formações pessoais e acadêmicas.

A Corsan está presente em 317 municípios gaúchos e sabe o quanto cada chão representa para a sua gente. É esse mesmo orgulho que sentimos em contribuir não somente com o desenvolvimento de um futuro melhor em cada lugar que atuamos, mas principalmente em oportunizar o resgate da memória de cidades importantes também para a nossa história, como é Eldorado do Sul.

Que esta obra, fruto da colaboração de tantos profissionais e estudantes, valorize ainda mais a cultura e a riqueza deste município e, como a nós, também orgulhe muitas pessoas.

Corsan e Instituto Aegea

De um momento de redescoberta da nossa cidade, após os impactantes acontecimentos de maio de 2024, nasce o livro *Eldorado do Sul – A cidade da gente*, com apoio da Prefeita Juliana Carvalho e fruto de um trabalho coordenado pela Secretaria de Educação do município, proporcionando momentos de integração e interação entre alunos da rede municipal de ensino e cidadãos eldoradenses que tanto contribuíram, e seguem contribuindo, para o desenvolvimento do nosso município e pelo fortalecimento de Eldorado do Sul como polo, além de industrial e comercial, turístico.

Eldorado do Sul é abordada, nesta obra literária, como uma cidade com história própria. Uma trajetória construída coletivamente através dos anos, por todos aqueles que lutaram por um futuro melhor para nossos cidadãos e enxergam o valor de nossos patrimônios materiais, imateriais e ambientais. E é pelo olhar de nossas crianças e nossos adolescentes que essas belezas locais ecoam neste belo livro, para que toda a comunidade local e todos os gaúchos possam reconhecer nossa cidade pela sua essência, pela sua alma e pela sua história.

Uma excelente leitura a todos!

Tatiane Soares Correa

Secretária de Educação de Eldorado do Sul



SUMÁRIO

10	ESCOLA DAVID RIEGEL NETO E A EMANCIPAÇÃO DA CIDADE
18	UMA FIGUEIRA CENTENÁRIA E O ASSENTAMENTO PADRE JOSIMO
26	GRANJA BOA VISTA
32	AGRICULTURA FAMILIAR
42	AEROCUBE DE ELDORADO DO SUL
50	BAIRRO SANS SOUCI
56	PIQUETE PROGRESSO COSTANEIRA
60	INSTITUTO VETERINÁRIO DESIDÉRIO FINAMOR
68	ESTAÇÃO EXPERIMENTAL AGRONÔMICA/UFRGS
74	GUAÍBA COUNTRY CLUBE





Eldorado do Sul virou município em 1988 – até então era um distrito de Guaíba –, mas sua história é bem antiga. Começa no século XVIII, quando os portugueses fixaram colonos açorianos na região à margem direita do rio Jacuí e do lago Guaíba. Desde então, novas levas de migrantes, vindos de diversas regiões, radicaram-se por aqui. Em 2022 Eldorado do Sul tinha 42 mil habitantes.

A agricultura foi sempre a base da nossa economia, e o arroz é o principal produto. Eldorado do Sul reúne o maior conjunto de assentamentos rurais da Região Metropolitana de Porto Alegre – são sete, entre os quais Padre Josimo e Fazenda São Pedro, que aparecem neste livro. A pecuária também está presente na economia e nos costumes da cidade. No Piquete Costaneira, os estudantes ouviram falar de cavalgadas, rodeios e festas típicas.

Eldorado do Sul é cheia de escolas notáveis. A primeira do município foi a EMEF David Riegel. Era sob o seu teto que se reuniam os moradores que lutaram para fundar a cidade. Também ficam em Eldorado do Sul a Estação Experimental da Faculdade de Agronomia da Universidade do Rio Grande do Sul e o Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor. O Aeroclube de Eldorado do Sul possui aeronaves e equipamento para formar pilotos particulares e comerciais.

Na grande enchente de 2024, Eldorado do Sul ficou submersa. Quando as águas baixaram, os moradores retiraram a lama, reconstruíram as casas e recolocaram cada coisa em seu lugar. Em situações difíceis como essa, mais do que nunca, é fundamental saber por que gostamos da nossa terra. Alunos do ensino fundamental de três escolas de Eldorado do Sul – EMEF David Riegel Neto, EMEF Paraná, EMEF La Hire Guerra – visitaram e pesquisaram lugares e assuntos que lhes dão orgulho de sua cidade. Ao ler o que eles escreveram, Eldorado do Sul também vai ficar orgulhosa.

ESCOLA DAVID RIEGEL NETO E A EMANCIPAÇÃO DA CIDADE

EMEF David Riegel Neto
Professora Milene Benochio
Turma 7ºB

“Sonhe grandão”, diz um grafite na quadra da Escola Municipal de Educação Fundamental David Riegel Neto.

É assim que se faz ali desde os primeiros tempos, em 1973. Inicialmente um grupo escolar instalado numa casinha de madeira com quatro salas de aula, a escola passou a ocupar, nos anos 2000, um prédio amplo, de alvenaria, com doze salas bem equipadas e quadra esportiva. Cerca de 600 estudantes, crianças e adultos, a frequentam nos turnos da manhã, da tarde e da noite. Como rimou o Gabriel:

A Escola David que foi feita de madeira
e hoje tem milhares de mesas e cadeiras.

Gabriel Amaral Ferreira



SONHE GRANDÃO

Embora pequena nos anos 1980, sua importância já era grande, e não só por ser a única escola da região à época, mas pelo papel que desempenhou na própria fundação da cidade. Quando precisaram de um lugar para celebrar missas, a escola emprestou suas salas. Se o rio Jacuí e o lago Guaíba transbordavam, era na escola que os moradores iam se abrigar. Quando o grupo que lutou para transformar em cidade o bairro de Vila Medianeira, então parte de Guaíba, precisou de um lugar para se reunir, a escola o acolheu.

A batalha deu certo e o novo município, batizado de Eldorado do Sul, foi fundado. Adivinha onde era o gabinete do prefeito, nos primeiros tempos? Na casinha de madeira, é claro! O prefeito e a diretora da escola dividiam a mesma sala.

Para saber mais sobre o papel da escola na fundação da cidade, os alunos participaram de uma roda de conversa com dois eldoradenses que fizeram parte daquele grupo batalhador, a Maria Eluzia Borges e o Marginato Matos.



Com o tempo, o município passou a ter sua igreja, seus bombeiros, uma sede para a prefeitura e outra para a câmara municipal. A escola tornou-se um lugar só de ensinar e aprender, mas nunca parou de sonhar grandão. Dá pra perceber o entusiasmo dos alunos quando escrevem sobre ela:

Desde pequena estudo no David
Desde pequena gosto de quem tá aqui.
A Escola David é como um trovão,
ela acende a luz dentro do nosso coração.

Ela aviva o desejo de aprender,
Ela nos mostra o potencial do nosso saber.
A Escola David é força,

É vida! Uma das mais bonitas!
Nathália Rafaela Mattos da Silva

Alguns alunos falaram da escola por meio de acrósticos. As palavras que escolheram fazem imaginar como é animada a vida por lá.

Direção.
Aprendizado
Vivências
Informação
Dinâmica

Risadas
Inspiração
Educação
Galera
Estudante
Legado

Notas
Explicação
Turno
Orgulho
Luiza Letícia Crupinski Diaz

Dinâmica
Amizade
Vida
Inclusão
Direção

Risadas
Interessante
Estudantes
Ginásio
Ensino
Legado

Notas
Educação
Turmas
Orgulho
Kauane da Silva Ambos,
Maria Eduarda Rodrigues Klebowski
e Nicolas Amora Avila



Nas lembranças dos alunos, escola e infância se misturam – a maioria deles chegou lá pequenininho, por volta dos seis anos. Agora adolescentes, quando olham para trás eles recordam de amigos, travessuras e brincadeiras.

Pulávamos com morto ou vivo e dança da cadeira. Íamos à praça e brincávamos de mamãe e filhinha. Na sala, a gente olhava filme e cantava a música do abecedário. Cantávamos na ida e na volta do refeitório. No recreio brincávamos de pega-pega, esconde-esconde e cabeleireira. Eu queria que tivesse ensino médio para continuar aqui. Amo a escola!

Isabelly Morales Rodrigues



Marya Klara gostava dessas mesmas brincadeiras: pular corda, escalar, mamãe-filhinha... E tem saudade de ir à pracinha e de fazer fila cantando. Ela recorda:

Eu odiava ficar de castigo de cabeça baixa, mas, quando minha mãe ia me buscar, eu chorava para não ir embora. Eu amo essa escola e pretendo me formar na David Riegel Neto.

Marya Klara da Silva Davis

Nas lembranças de Laura, que também é veterana na escola, aparecem as amigas, as brincadeiras e até um tombo no banheiro, depois de uma prova.

Ela menciona um dia especial, no 4º ano:

Aconteceu a Festa da Família, com uma porção de atividades legais, e a professora Silvia, de quem eu gostava muito, ainda não tinha ido embora.

Laura Karolina Dias da Silva



UMA FIGUEIRA CENTENÁRIA E O ASSENTAMENTO PADRE JOSIMO

EMEF David Riegel Neto
Professora Andreia Quaresma
Turmas 8ªA e 8ªB

A figueira é uma árvore que cresce por todo o Rio Grande do Sul e aparece até na literatura gaúcha – é ao pé de uma figueira que Floriano Cambará e dr. Camerino, dois personagens do romance *O Arquipélago*, da trilogia *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, costumam conversar. São árvores bonitas, imponentes, e a do Assentamento Padre Josimo é mais do que isso – é histórica. Os alunos que a visitaram, numa sexta-feira ensolarada de maio de 2025, ficaram sabendo por que ela se tornou um marco da cidade. Ana Luiza recorda:

Ao chegar no local, fiquei encantada com a grandiosidade da árvore, que se ergue majestosa no meio do assentamento. Dona Luiza, uma paulista simpática, e seu marido, Roberto, um gaúcho apaixonado pela história do lugar, nos falaram sobre ela e sobre seu entorno.

Ana Luiza Costa Monteiro

Dona Luiza – Luiza de Fátima Teixeira – e seu Roberto – Roberto Velho Teixeira – vivem há 30 anos no assentamento, uma terra garantida a agricultores que não têm onde plantar. Em volta da figueira, enquanto os alunos lanchavam, eles falavam dos acontecimentos que se desenrolaram ali, no passado, em especial no dia 25 de agosto de 1987.

Luara e Vicente contam o que ouviram:

Naquela madrugada, chegaram 33 famílias sem terra para construir neste território um futuro melhor. Onde há casas, havia só árvores e mato.

Luara da Silva Prado

Eram 490 militantes do MST, o Movimento dos Sem Terra. Ficaram debaixo da figueira por mais ou menos 40 dias.

Vicente Ferreira de Oliveira

O Gabriel imaginou a fundação do assentamento como um filme emocionante, que pudéssemos assistir na tela:

A poeira do caminho marcou a história, mas os olhos brilhavam com uma nova esperança em Eldorado do Sul. As famílias chegavam à terra prometida: não era apenas um pedaço de chão, mas a promessa de dignidade e autonomia.

O Assentamento Padre Josimo apareceu: barracas simples, como cogumelos, em meio ao mato, um testemunho vibrante de fé em um futuro melhor. Cada tábuia erguida, cada semente plantada, era um ato de coragem e resiliência contra as adversidades.

Dona Maria apertava a mão do seu filho menor, sentindo a esperança e o medo se misturarem em seu peito. Enquanto isso, seu José sentia no coração a força inabalável do recomeço e a certeza de que a união faria a diferença. Seu Antônio, com sua enxada, via na terra a promessa, e a vizinhança, embora pequena, crescia impulsionada pela solidariedade e pelo trabalho.

Gabriel de Andrade Vieira



O agora famoso acampamento dos Sem Terra foi o começo de uma luta demorada, que resultou na criação, em 1999, do Assentamento Padre Josimo. Começou então a árdua tarefa dos assentados para tornar produtivas as suas terras, mas o esforço foi recompensado e o Arthur fala sobre isso:

As famílias ligadas ao MST se estabeleceram numa área de 515 hectares antes destinada a um aeroporto, um projeto que nunca foi em frente. Desde então o assentamento tem avançado em acesso a serviços públicos, como saúde e educação, e em projetos de desenvolvimento sustentável com o apoio da prefeitura e da Emater, empresa pública que dá assistência técnica a produtores rurais. Hoje ele representa a resistência e a luta por justiça social no campo.

Arthur da Silveira Cruz



Luiza e Roberto e outras 105 famílias vivem no assentamento. Dedicam-se à produção de arroz agroecológico, hortaliças orgânicas, gado leiteiro para laticínios, entre outros produtos. O arroz é cultivado para vender; os laticínios e as hortaliças abastecem primeiro as famílias dos assentados, e o que sobra é vendido em feiras e mercados.

Eles trabalham em sistema cooperativo: compraram juntos máquinas para secagem e embalagem a vácuo do arroz, e dividem os custos dos serviços de distribuição. É assim que funcionam todos os assentamentos de Eldorado do Sul, onde agricultores vindos principalmente de outras regiões do estado, cultivam arroz agroecológico e outros produtos orgânicos. Encontraram ali um lugar de terra boa, alta produtividade e próximo de centros urbanos.

Para Isabella, esses relatos não chegaram a ser novidade. Ela já conhecia muito bem o assentamento, pois é lá que ela mora, com sua família. Ela fala com carinho do lugar:

Acho muito lindo, pois tem muitas lavouras de arroz. Meu pai planta e colhe arroz, e eu tenho muito orgulho dele. O nome dele é Lucas Constante Machado. Quando eu era pequena, tipo uns 6 anos, eu ia colher arroz e eu amava ajudar meu pai. Também tinha uma cadelinha que ia junto comigo na lavoura.

Isabella da Silva Dutra

O papel da figueira naqueles acontecimentos levou alunos como a Ana Luiza a muitas reflexões:

A árvore é um símbolo de resistência e luta pela terra, um testemunho da força e da resiliência dos que lutaram e continuam lutando pela justiça social.

Ana Luiza Costa Monteiro



Vicente homenageou a figueira com uma pesquisa:

Pontos principais:

- Localização: Assentamento Padre Josimo, Eldorado do Sul, RS.
- Características: árvore de grande porte, copa ampla, sombra convidativa e beleza natural.
- Valor turístico: ponto turístico e de atração com destaque para a paisagem e a beleza da árvore.
- Impacto ambiental: ajuda a prevenir erosão, mantém a estabilidade do solo e contribui para a produção de oxigênio.
- Atividades: relaxamento, contemplação, descanso em seus galhos e contato com a natureza.

Vicente Ferreira de Oliveira

A história das cidades é feita de muitas aventuras humanas, e Eldorado do Sul não é diferente. Os alunos votaram para a escola com muitas delas na lembrança.

A parte que eu mais gostei foi quando o senhor Roberto e a dona Luiza explicaram a história do local em que eles vivem há anos e a figueira: foi embaixo dela que eles costumavam dormir quando não ainda não existiam moradias. Por isso eles gostam muito dela e cuidam muito bem.

Enzo de Azevedo Melo Pereira

Isabelly, como tantos de seus amigos, ficou impressionada com o que viu e aprendeu naquela manhã:

Ao sair de lá levei mais do que fotos e lembranças, levei uma lição. Aquele lugar é a prova viva de que a reforma agrária não é só uma pauta política, mas uma necessidade humana.

Isabelly Lemos Lima



GRANJA BOA VISTA

EMEF David Riedel Neto
Professora Milene Benochio
Turma 7ªA

“Eu fiquei animada de saber que tinha ruínas!”, comentou a Lorena.

Ao desembarcar do ônibus da excursão na Granja Boa Vista, os alunos se surpreenderam com os vestígios de construções do século passado. Elas fazem parte da história do arroz na região, iniciada há mais 300 anos, e sua maior riqueza agrícola até hoje.

Funcionava naquelas terras, nos anos 1930, o Engenho Arrozeira Brasileira, há muito desativado. Seu Valter, morador há 60 anos de um sítio na Granja, conversou com os alunos e dividiu com eles o que sabia sobre a Arrozeira. Lorena se surpreendeu com o que ouviu:

O engenho contava com motores para bombear água do rio para as plantações, uma ferramenta moderna para a época, e com um forno que secava o arroz.

Lorena Rauber Mello



Também a Mayara se entusiasmou com os restos das construções:

Tinha uma chaminé muito alta, com escadas do lado direito. Essas obras são bem antigas. Eu gostei muito e foi mais do que eu esperava. Eu adorei!

Mayara Victorino Simoni

O município de Eldorado do Sul é um dos maiores produtores de arroz do Brasil e as técnicas modernas introduzidas pelo engenho no passado foram um passo importante para aumentar a produtividade da região.

No século XVIII, as colheitas eram transportadas para a capital e para o interior do estado em carroças e barcos. O caminho para Porto Alegre e Charqueadas era a estrada da Arrozeira, que começa onde é hoje a entrada da Granja. Para chegar a Porto Alegre, era preciso cruzar o Jacuí de barco, na altura do atual Bairro da Picada, pois não havia pontes. A cidade de Eldorado do Sul foi crescendo ao longo da estrada, que passou a se chamar Avenida da Arrozeira.



Junto às ruínas do antigo engenho, existem agora duas propriedades particulares, uma das quais é a do seu Valter. Ele tem muitas criações de animais e cultiva frutas e legumes orgânicos. O Carlos Henrique ficou encantado com o sítio do seu Valter:

Lá você pode encontrar animais como vacas, porcos, galinhas, cavalos. Pode ajudar a cuidar deles, aprender sobre a produção de alimentos orgânicos, e até mesmo coletar ovos frescos diretamente do galinheiro. É um lugar perfeito para crianças e adultos que amam animais e querem aprender sobre a vida sustentável. Além disso, oferece uma paisagem deslumbrante, com campos verdes, árvores frutíferas e um ambiente tranquilo. É o lugar ideal para relaxar, se divertir e criar memórias inesquecíveis.

Carlos Henrique Cunha da Silva

A entrada do sítio fica bem diante de outra grande figueira centenária, provando como elas são comuns e importantes por aqui. Situada no topo de uma colina, dá pra ver de lá os belos arrozais das redondezas e enxergar até o centro da cidade. Foi embaixo da figueira que seu Valter conversou com os alunos.

Ele falou da importância de cuidar das margens do rio Jacuí, invadidas pelas águas da enchente de 2024, e fez um pedido aos visitantes: que não deixem mudar o nome da estrada da Arrozeira, como, segundo ele ouviu dizer, andaram querendo na cidade. Não só porque é importante na vida dele, que mora ali há tanto tempo – explicou –, mas também pelo nome ser uma referência histórica para Eldorado do Sul.

Os alunos também adoraram saber que vivem por ali animais curiosos, como ratões do banhado e capivaras.

A Rebeca chegou à conclusão de que a história é tão bonita quanto o lugar, e escreveu um poema:

Nas terras calmas do Eldorado, no chão, repousa a Granja
De alma e coração
Boa Vista se chama, com razão tem seu nome
Pois ali há trabalho, há vida, há homem.

O galo desperta a alvorada serena,
A terra sorri sob a luz tão amena.
As galinhas ciscando em paz pelo dia,
Cantam baixinho a doce harmonia.

Mil aves ao vento fazem reverência,
A quem cultiva com fé e paciência,
Nos currais, o mugido é quase oração
Ecoando firme no campo e no grão.

Não é só trabalho, é também herança,
De quem planta esperança com perseverança
E ponte entre o ontem e o que há de vir,
E o campo insiste em jamais desistir.

Na Granja Boa Vista há mais que paisagem,
Há alma rural, há pura coragem.
E quem por ali passa, logo sente e vê.
Que a vida mais simples é rica de fé.

Rebeca Borges Rodrigues

AGRICULTURA FAMILIAR

EMEF Paraná
Professora Aline Moares Martim
Turma 7ªA

O tema que levou a turma ao sítio do seu Lutz – José Lutz da Silva –, do assentamento São Pedro I, era agricultura familiar, mas à medida que a conversa avançava, foi ficando claro que o assunto não tinha a ver só com agricultura e com família. Quando perceberam, estavam falando também de saúde, alimentação, sabor, biodiversidade, dinheiro, sobrevivência, tristeza, alegria... Nossa, era assunto que não acabava mais!



Seu Lutz contou sua história: era de uma família de agricultores de Palmeira das Missões, no interior do estado, e numa enchente, em 1983, a colheita ficou inutilizada, ele não conseguiu pagar o financiamento e perdeu suas terras. Passou mil apertos, ficou sem casa – seu filho mais velho nasceu debaixo de uma árvore, num acampamento dos Sem Terra –, ficou deprimido. Quando uma área no Parque Eldorado foi desapropriada para abrigar, em 2005, o assentamento Fazenda São Pedro, ele teve oportunidade de tentar seu sonho de trabalhar com agricultura orgânica.

“Não fazemos queimadas nem derrubadas, não usamos agrotóxicos. seguimos a lei da natureza”, ele explica. Produz oito tipos de alface, repolho, espinafre, couve-flor, berinjela, abóbora, cenoura, beterraba, rabanete, ervas e rúcula. E um monte de frutas, algumas de nomes esquisitos: guabiju, guabirava, uvaia... Planta para o seu consumo e vende o que sobra para mercados e restaurantes. Graças às suas plantações, seu Lutz recuperou a segurança e, o melhor de tudo: a alegria.

O pessoal da 7ªA percebeu de cara que seu Lutz é um craque e que ama sua horta. Aprenderam com ele a importância desse tipo de agricultura e compreenderam, sobretudo, como é bom trabalhar com o que gostamos. Olha só o que o Victor escreveu:

O Senhor Lutz é uma pessoa boa, simpática, tem uma horta gigante. Sua história foi muito triste, mas o tempo consertou a sua vida. Ele teve que morar no lixo, num galpão, teve vontade de fazer muitas coisas ruins, mas hoje ele é um homem bom com a sua esposa, dois filhos, uma casa e o mais importante pra ele: a horta. Foi a agricultura que mudou a vida dele. Ele tem muitas coisas na sua horta, alface, cereja, feijão, berinjela e outros. É uma horta muito linda que tem uma vista incrível. Espero que nunca falte nada para ele.

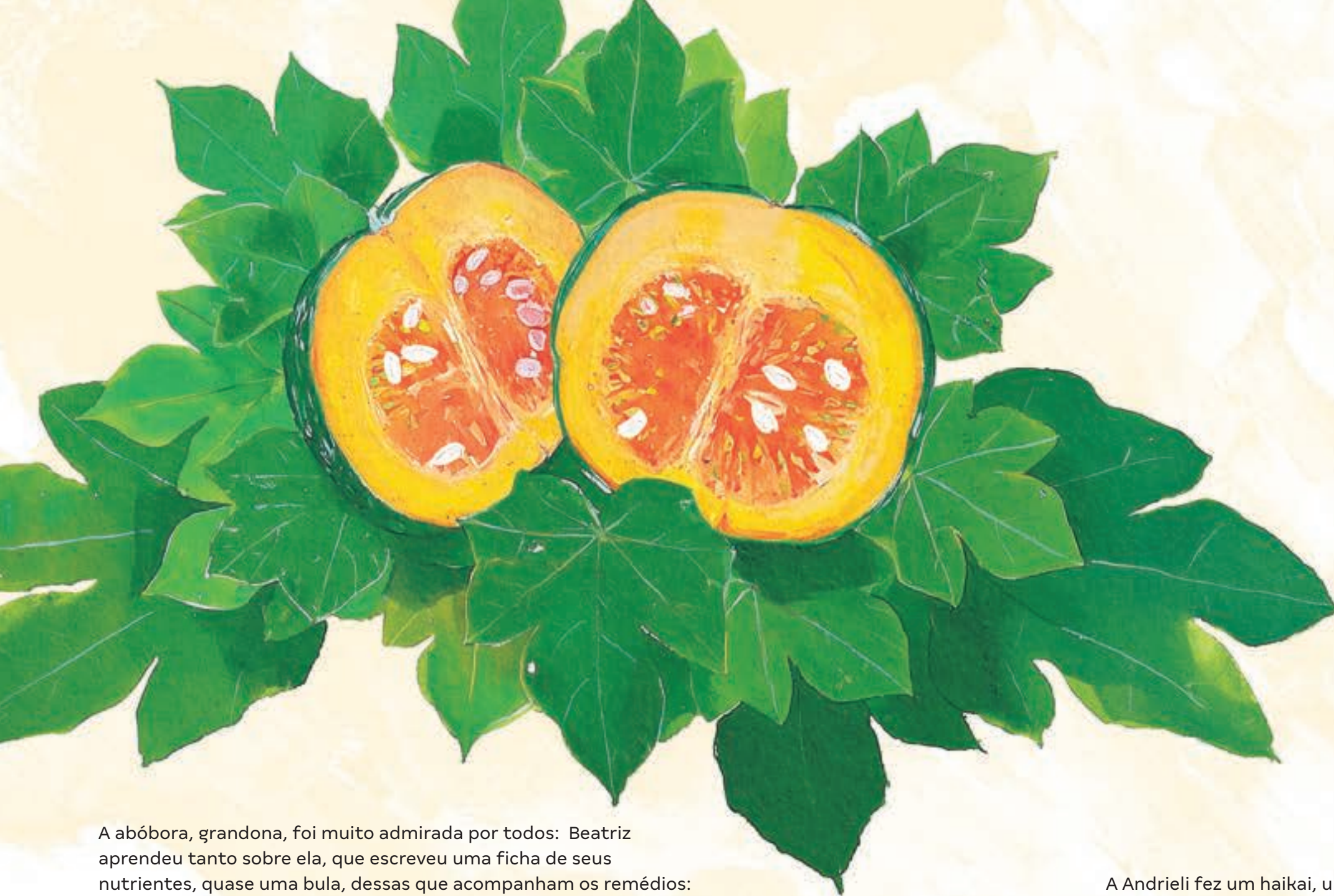
Victor Mioli Govani

Não é comum ver tanta verdura junta, como se vê no sítio do seu Lutz. A admiração diante dessa variedade aparece em muitos dos trabalhos escritos para este livro. O da Melony é um poema bem ritmado.

Quem cresce na horta
O que há dentro dela?
Tomate, pepino e também berinjela.
Quem são os mais gordos, no chão enterrados?
Batatas, cebolas, cenouras e nabos.
Quem é o pequeninho que cabe na mão?
É o grão-de-bico, a ervilha e feijão.
Quem é a maior diz lá qual é ela?
Já sei, é a abóbora maior que a panela.

Melony Borges Santos





A abóbora, grandona, foi muito admirada por todos: Beatriz aprendeu tanto sobre ela, que escreveu uma ficha de seus nutrientes, quase uma bula, dessas que acompanham os remédios:

Suas sementes e folhas possuem um alto teor de fibras e minerais, e podem ser utilizadas na alimentação diária. Ela é um fruto rico em minerais e vitamina. Possui benefícios para a saúde, como os efeitos anticarcinogênicos e baixo índice glicêmico. Muitas pessoas acham ruim, ou só não gostam, mas a verdade é que ela tem vários benefícios.

Beatriz Ribeiro Valente

A Dariane se interessou pela distribuição das hortaliças e apreciou a hospitalidade e os agrados que ela e os amigos ganharam do casal Lutz, nem todos produzidos pela horta.

O alface foi colhido pelo seu Lutz.
Seu Lutz foi colhendo as alfaces
para nos servir.
Os tomates cereja, alfaces,
pimentões, abóboras.
E muito vem por aí.
Seu Lutz veio explicando sua horta
que tem muitas aqui.
Vários caminhões vêm aqui
para pegar as frutas.
Para entregar em vários lugares
e voltar para se servir.
Tivemos uma surpresa inesperada:
A esposa do seu Lutz fez cachorro-quente
e nós pudemos nos servir.
Fomos para casa com alface na mochila,
quer dizer, a salada dentro da mochila.

Dariane Cerli da Luz Severo da Silva

A Andrieli fez um haikai, um poema bem curtinho, como aqueles dos poetas japoneses.

Se planta com amor
E se come com sabor
Andrieli Patrocin dos Santos



Muitos alunos ficaram pensando no efeito que o trabalho da horta teve para recuperar a felicidade do seu Lutz.

Pela agricultura estou a escalar.
Um passo após o outro vou dar.
E quando finalmente paro, percebo que estou triste.
A tristeza me fez refletir como me sinto feliz.
Ser feliz me fez voltar a me levantar. Para a tristeza não me derrubar.
Finalmente chego até o fim que foi só o começo para mim.
E no final de tudo tenho um começo lindo e espesso.
Com minha família eu me sinto feliz e alegre como uma flor
desabrochando em meio à neve.

Vitoria Daniele Bielavski da Rosa

Quando sinto estresse, e minha alma está cansada
Busco o cidró, com sua doçura encantada.
Suas folhas frescas, em um chá tão suave,
Me trazem paz, e um sorriso que não some.
Seu sabor cítrico alegra meu coração,
Acalma meu espírito e traz consolação.
O cidró é meu refúgio, minha planta especial,
Um presente da natureza, que me cura e faz bem.

Arthur Forquim Pires

Arthur também se empolgou com o método de combater formigas empregado pelo agricultor.

Existem vários métodos químicos e naturais, mas tem um que o senhor Lutz nos ensinou: basta pegar dois galhos pequenos e colocar um no formigueiro A e o outro no formigueiro B. Após 3 dias troque os galhos do formigueiro A para o B e vice-versa. Assim, as formigas vão sentir o cheiro de outra colônia e como elas são territorialistas, vão brigar e acabar com seus formigueiros.

Arthur Forquim Pires

A Melony viu uma semelhança entre o ciclo das plantas e a nossa vida:

Um homem precisa plantar sementes
e criar raízes profundas.
Mas precisa ter cuidado com as sementes que planta
e com o terreno cujas raízes estarão fixadas,
Pois a colheita pode ser amarga.

Melony Borges Santos

E para ficarmos sabendo mais sobre o seu Lutz, o Ítalo tratou de registrar as perguntas e respostas desse encontro em forma de entrevista:

P: Como é o seu dia a dia?

R: A primeira coisa que faço todo dia, quando acordo, é ir na horta para ver como está a plantação.

P: Você usa algum tipo de veneno?

R: Não uso nenhum tipo de veneno.

P: Como você combate as pragas?

R: Eu uso uma mistura de leite com água para espantar os insetos e coloco um galho em um formigueiro e depois em outro, pois ao sentir o cheiro de outro formigueiro, inimigo, as formigas vão embora.

R: Qual é o tipo de planta que mais tem na horta?

R: São os alfaces, produzo em média 2 mil alfaces.

Ítalo dos Santos da Silva



Ao ouvir seu Lutz descrever seus métodos naturais para combater as pragas, a Isabel escolheu olhar tudo do ponto de vista de uma lagarta.

Eu sou a lagarta Nina, escaladas eu amo fazer, entre os canteiros eu adoro correr, e... espera aí, estou ouvindo os passos do seu Lutz, ele veio fazer uma pequena colheita e ver como a horta está.

Ops... ele descobriu que estou aqui, não quero sair, eu amo a horta. Lá vai ele pegar a água e o leite, já está vindo... Vou ter que fugir, pois não gosto de leite. Em compensação, adoro alface, couve-flor, repolho e uma couve então... Ihhh, ele chegou! Tchau pessoal, até a próxima. Não gosto de banho de leite.

Isabel Rebeca Godoy Araújo

AEROCLUBE DE ELDORADO DO SUL

EMEF Paraná
Professora Aline Moares Martim
Turmas 7ºB e 8ºB

A visita dos alunos ao Aeroclube de Eldorado do Sul, com sua escola de pilotos, chamou a atenção deles para um capítulo emocionante da nossa história: foi um brasileiro, Alberto Santos Dumont, que inventou o avião, e não bastasse essa façanha, foi o primeiro piloto do mundo. Em 1906, diante de uma multidão boquiaberta, em Paris, ele decolou num aviãozinho que ele mesmo construiu, o 14-Bis, deu umas voltas sobre a cidade e pousou.

Seus contemporâneos ficariam ainda mais espantados se vissem os aviões supervelozes de agora, cruzando os céus com centenas de passageiros! Como a Sophia explica, os aparelhos do tempo deles eram pequenos e frágeis:

Os aviões antigos não são os mesmos de hoje em dia.
Eles eram feitos com telas de tecido, madeira e metal.

Sophia da Silva Costa



O Aeroclube de Eldorado do Sul foi fundado apenas 35 anos depois do voo inaugural de Santos Dumont. Começou em 1941, na cidade gaúcha de São Leopoldo e, em 1999, precisando de espaço para aumentar suas instalações, mudou-se para cá. Hoje, dispõe de tudo o que é preciso para formar pilotos craques – vinte aviões, sete hangares e simuladores de voo, com todos aqueles aparelhos que o piloto usa na cabine. E o bom é que os alunos puderam experimentar!

Casa dos aviões

Aeroclube casa dos aviões
e pilotos vestidos com casacões
Dirigir um avião com a própria mão
tem que ter coragem
E tomar cuidado com a bagagem
Voar no céu de brigadeiro,
tem que ser guerreiro e corajoso
E com um treinamento rigoroso
Não pode ser medroso
e tem que saber dirigir com cuidado
Para não dar errado

Ismael Silva de Souza



No dia da visita dos alunos ao Aeroclube, uma pilota fazia ali seu primeiro voo como profissional e – olha só que sorte! – ela conversou com eles. Contou que trabalhava como aeromoça e descobriu que gostaria mesmo é de pilotar. Depois de uma longa preparação, estava trocando a tarefa de servir os passageiros por um lugar na cabine de comando. A ideia antiga de que mulheres não servem para comandar ficou ainda mais ultrapassada, diante da história dela. A Maria Fernanda celebrou essa conquista da ex-aeromoça com este poema:

Aeroclube
(a história da aeromoça que virou pilota)

O céu azul
Com os ventos do sul
A aeromoça que brilhante
Seu primeiro voo foi impressionante
Céu de brigadeiro
Sorriso no rosto dos pilotos o dia inteiro
Vermelho, Branco, Azul
Cor do avião e do céu do Sul
Simulador de avião
Se eu fosse dirigir, ia cair no chão
De avião pro México posso ir
Chegando lá posso sorrir
Vento na barriga, sim o tempo inteiro
Céu lindo é o de brigadeiro
Voltando ao assunto da aeromoça,
muitos dizem que ela devia estar lavando louça,
Mas pilotar foi a vontade daquela moça.
Pilotos não morrem, apenas voam mais alto.

Maria Fernanda Kemmling dos Santos



Céu de brigadeiro, essa expressão que a Maria Fernanda, o Ismael e vários outros alunos escreveram aqui no livro, significa céu azul, sem nuvens. Dizem que foi inventada por pilotos, para zoar com os brigadeiros, o mais alto escalão da Aeronáutica. No topo da carreira, há muito tempo sem pilotar, eles precisariam de um céu assim para não se atrapalhar. Pelo visto, os alunos já sabiam que não tinha nada a ver com aquele docinho de chocolate que todo mundo adora.



Aproximar-se do mundo da aviação reavivou aquele sonho tão conhecido de flutuar no céu, como um pássaro. Afinal, pilotar é, de certa forma, ganhar o poder de voar – mesmo que as asas não sejam nossas. Bem que a Isadora queria experimentar!

Quando vi os aviões
Deu vontade de voar
Como um lindo passarinho no ar!
Isadora Luani da Costa Schneider

Voar dá uma grande sensação de liberdade.
O texto da Thaís fala sobre isso:

Na altura sinto-me livre.
Como um pássaro que acabou de aprender
a voar.
No chão, sinto-me presa, deprimida como se
existisse só solidão em meu peito.
No céu sinto que estou livre, leve e o mais
importante, sinto que estou vivendo o dia de
hoje e não o de amanhã.
Thaís R. da Silva



E a Maria Luiza lembrou de uma coisa maravilhosa: que também se pode ir longe sem avião nenhum, só com as asas da imaginação:

No avião eu não subi, no céu
eu não voei
Mas no meu coração eu imaginei
Maria Luiza Semensato Garcia Corrêa

Ao se aproximar dos aviões, a Natasha enxergou neles, principalmente, um símbolo de riqueza: viajar de avião é caro, aprender a pilotar também, e fabricar aeronaves, então, nem se fala. Talvez tenha sido isso que a fez pensar na falta de oportunidade para quem não tem dinheiro.

Viajando na asa do pequeno avião

Enquanto vejo sonhos destruídos,
vejo aviões sendo construídos
Enquanto vejo meninos pobres sonhando
em ser um grande piloto,
vejo herdeiros tratando
disso como mais um curso no currículo.
Natasha de Moura Amorim

Ela lembrou também da imagem tão repetida de
aviõezinhos teco-teco pulverizando as lavouras.
E escreveu um protesto:

Agronegócio...
Agrotóxicos...
Aviões de empresas privadas, nada público,
ideologias capitalistas consomem a
oportunidade de alguém sonhar
Um sonho destruído, um novo monopólio
construído
Nós nos alimentamos de dinheiro? Enche
nossas barrigas?
Natasha de Moura Amorim

A Sarah também deixou seus pensamentos voarem
para bem longe do Aeroclube, mas ao encontro de
uma lembrança doce.

Quando olho para os aviões
Lembro de você e da vontade que tem de viver
Isso que me inspira em você
Sarah da Silva Costa

O Maurício foi o único aluno de sua turma que não foi
ao passeio com os colegas. Ele já trabalha e não podia
faltar no emprego, mas ouviu o que eles contaram e
teve uma ideia bonita:

Às vezes para alcançar novos horizontes é preciso levantar voo.
A vida é feita de escolhas e nós, bem, nós escolhemos voar.
O tempo voa, cabe a você ser o piloto.
Maurício Herculano da Silva De Oliveira



BAIRRO SANS SOUCI

EMEF La Hire Guerra

Professoras Gabriela Costa da Silva e Viviane Barth

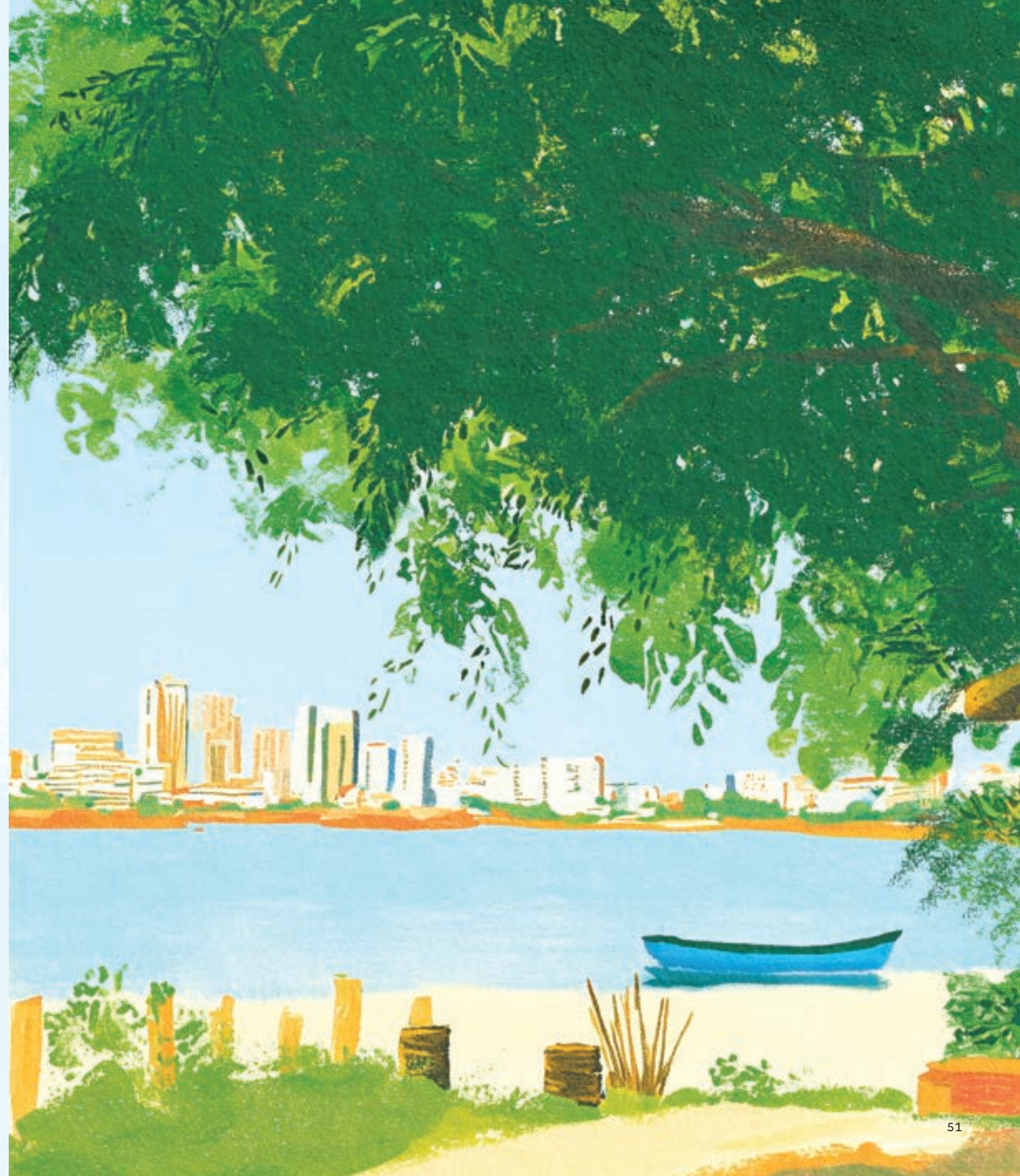
Turma 8ªA

Sans-souci quer dizer “sem preocupação”, em francês. É um nome bom para um lugar de férias, não é? E foi assim que esse bairro nasceu, em 1937: como um balneário onde os porto-alegrenses iam veranejar. Seus fundadores, dois empresários alemães, se inspiraram num palácio do século XVIII, com esse nome, na cidade de Postdam, na Alemanha, onde o rei Frederico II ia passear, caçar, se divertir, sem se preocupar com assuntos sérios.

Os veranistas chegavam de Porto Alegre em barcos chamados gasolineiras, e desembarcavam numa hidroviária. A construção está lá até hoje, e a turma da La Hire Guerra a visitou, recebida por seus atuais proprietários. Com as pontes e estradas construídas a partir dos anos 1950 e o crescimento da região, Sans Souci tornou-se um bairro residencial, com moradores permanentes.

A atmosfera de despreocupação dos primeiros tempos mudou, é claro: o pessoal não está ali só de férias, e a natureza não é mais tão amena. Criado só para o descanso e a diversão, o bairro sofreu muito na enchente de 2024, e os moradores trabalharam com valentia para recuperá-lo. Como disse a professora Viviane Barth, da La Hire Guerra, depois que um vendaval destelhou a escola, no ano seguinte, e tudo foi consertado: “gaúcho não desiste nunca”.

A turma da escola caminhou pelas ruas, observou as casas e visitou lugares bonitos – deve ser por causa deles, afinal, que ainda há tanta gente que quer morar em Sans Souci. Como a Prainha, uma encantadora enseada, vizinha de um parque. Lá eles conheceram o seu Lair Francisco dos Santos Batalha, seu Chico da Prainha, morador, pescador e líder comunitário, com quem conversaram.





A visita estimulou a veia artística dos alunos: eles escreveram poemas e fizeram desenhos. A Antonia e a Gabriela comentaram em verso as transformações de que ouviram falar:

Passado e presente

Aonde tem Jacuí
Tem a Sans Souci
Um dia onde a água já foi limpa,
Hoje é distinta.

Queria que hoje fosse diferente,
Que nem um dia foi pra gente.

Antigamente a viagem era
Em busca da tranquilidade
Hoje em dia não é mais
Essa realidade.

**Antônia Bruniszaki da Silva
e Gabriela da Silva Ferreira**

Antoni usou o som das palavras com tanta habilidade que a gente chega a sentir o balanço suave das águas:

Um barco no Guaíba

O rio numa corrente
Quente, sonhando em minha mente
Se outrora adiante encontro gente falante
Ao lado uma vila, uma vila querida.

Eles embarcam,
Eles navegam,
Eles descobrem,
Eles questionam.

Em um rio azul
Eles concluem
Somos remadores
Somos desbravadores.

Antoni Marcelo Semensato da Silva

E a Isabelly e o Lucas celebraram a beleza ao mesmo tempo breve, pois só dura alguns instantes, e eterna, porque se repete, do pôr do sol às margens do Guaíba.

O pôr do sol e uma vida

No final do anoitecer
Vejo a beleza de tudo,
O começo de um fim
Uma imagem que não cabe em mim.

O pôr do sol
Uma vida inteira dentro de uma imagem,
Que não acaba
Num lugar inimaginável.

A prainha
Um local que esconde sua beleza,
Mas que lá está
Tudo que nossos olhos podem enxergar.
Isabelly da Rosa de Mesquita e Lucas Silveira Viegas



Júlio Cezar e Luan mostraram que
ainda é possível experimentar uma
atmosfera de paz e de tranquilidade
em Sans Souci:

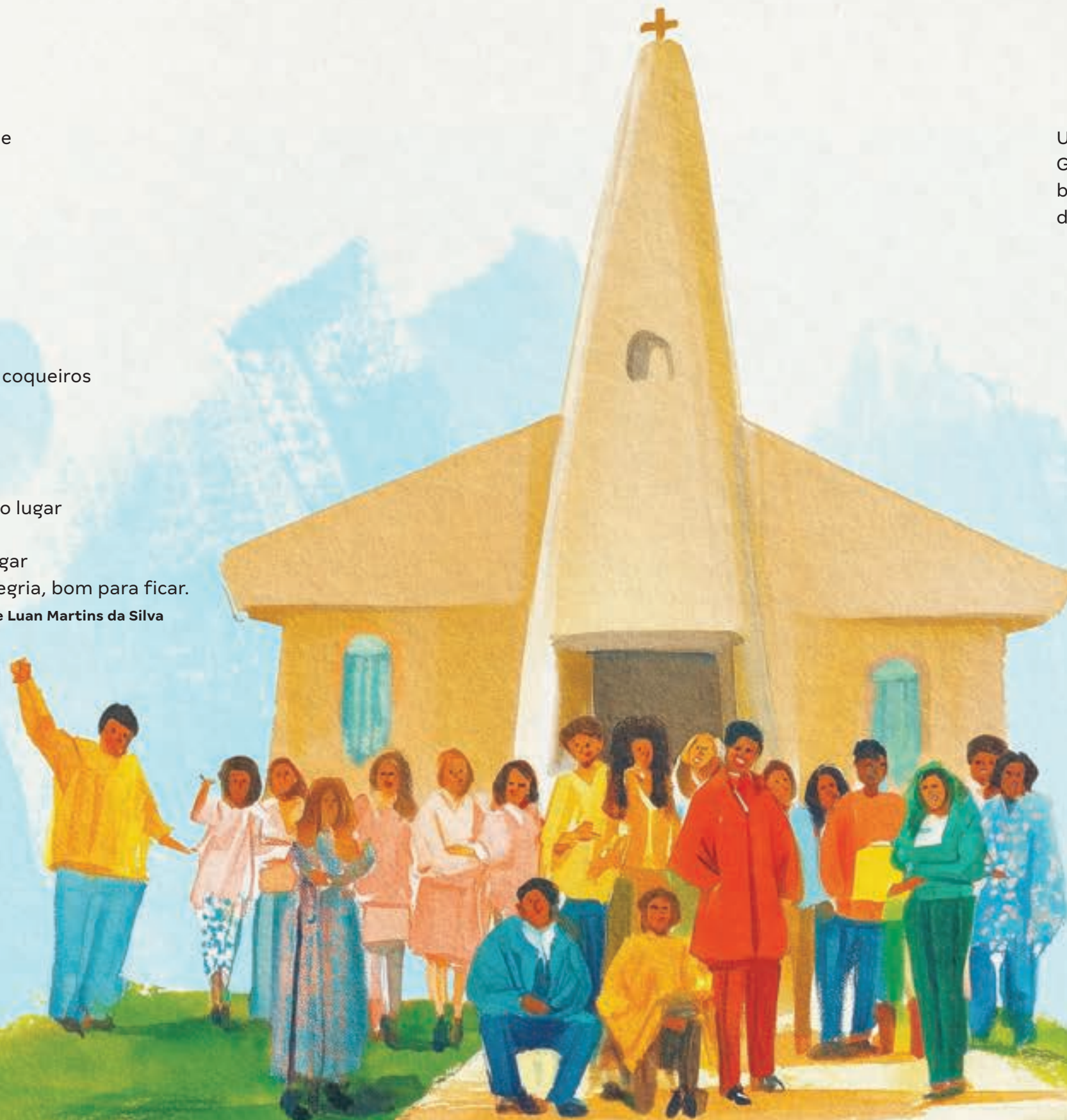
Balneário Sans Souci

A beira da água,
Serra gentil
Repousa Sans Souci,
Tão sutil.

O vento sussurra entre os coqueiros
Memórias guardadas,
Segredos antigos
Histórias reveladas.

Caminhos de areia tocam o lugar
Onde os pés vão repousar
Ali o tempo caminha devagar
Um local cheio de paz e alegria, bom para ficar.

Júlio Cezar Rodrigues de Sousa e Luan Martins da Silva



Um poema da Lavínia aponta o que é que torna o
Guaíba tão especial: mais do que ser um rio grande e
bonito, ele faz parte das histórias e das lembranças
das pessoas que moram perto dele.

Guaíba, meu lar

Longe de mim, mas vive no meu coração
Aquele rio que brilha no verão
Escorrendo lá de cima
Então, essa é minha rima.

Guaíba é a pureza junto a beleza,
Não és o mais belo, mas teus defeitos
São os que te deixam mais perto
Teu jeito me deixa satisfeita.

Tu és aquele que as pessoas admiram
Perto de ti, construíram um lar
Este poema é para lembrar de ti
Lembrar teu nome, e amar assim.

Que teu nome e tua beleza
Escorra por toda a parte
Por que tu és arte
Por isso, és tão especial.

Sentar a tua beira e sentir tua brisa
Me guia até um mundo de paz
Me trazendo o sentido e a razão
A salvação e a vibração.

Lavínia Centeno Fortes

PIQUETE PROGRESSO COSTANEIRA

EMEF La Hire Guerra
Professoras Gabriela Costa da Silva e Viviane Pedroso Barth
Turma 7ºB

É difícil esquecer um lugar que se visita com toda a turma da escola. Ele vai estar sempre ligado à emoção daquele dia. Mas a verdade é que, mesmo antes da visita, o Piquete Progresso Costaneira já encantava muitos alunos que moram em bairros próximos, como Sans Souci, Progresso e Costaneira, e que costumam frequentá-lo.

Um piquete, como sabem os gaúchos, é um grupo que se dedica a atividades tradicionais do Rio Grande do Sul, como rodeio, cavalgada e laço. Nesse aqui o que mais se pratica é o laço. Na sede feita de toras de madeira, acontecem cursos e competições de duplas e trios; de rédeas e de chasque, uma modalidade em que, além de laçar, é preciso saber montar muito bem.

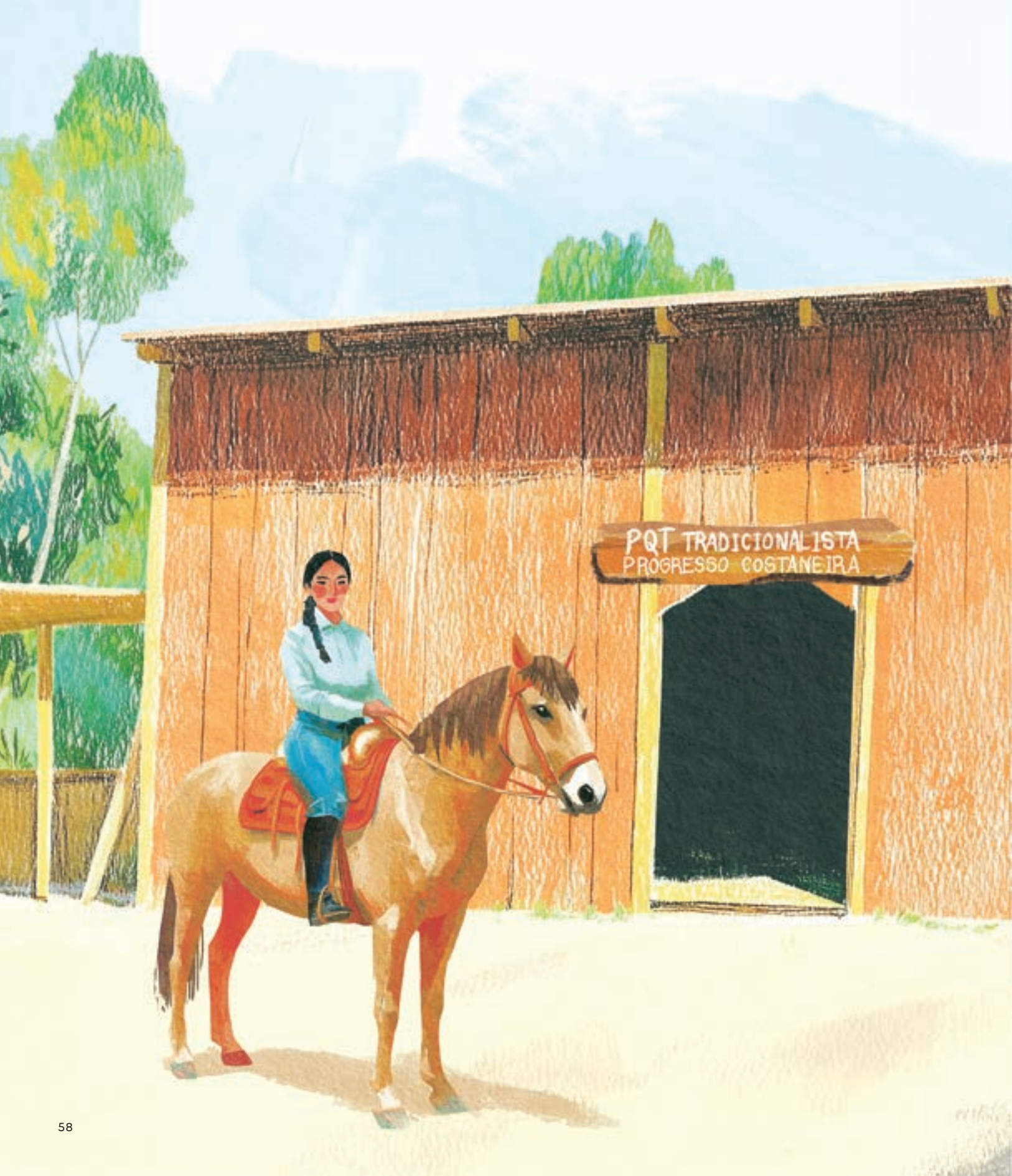
As categorias dentro de cada especialidade têm nomes bem gaúchos: piá, pra meninos pequenos; prenda juvenil, para mulheres jovens; peão xiru, para homens acima de 59 anos... Os donos do lugar são o patrão e a patroa, e foi ninguém menos que a patroa Letiele Ramos de Souza que recebeu o pessoal da escola.



Sobre a porta de entrada lê-se uma frase que mostra bem a importância do piquete: “Povo sem tradição tem que recomeçar a cada geração”. Os jovens das proximidades se sentem acolhidos ali e gostam de compartilhar com seus conterrâneos lembranças, habilidades, palavras. O Diogo e o João Vitor falam disso em seus acrósticos.

Porteira do piquete Costaneira
Irmandade do gaúcho
aQuele lugar da competição de laço
Um piquete com uma grande história
Eldorado do Sul
Tradições, cavalos, vida
Emoções, é o que eu vivo aqui.
Diogo Frederico Lagasse da Cruz

Cavalos lindos e saudáveis
O campo é bonito.
Solidariedade
Torneios de laços
As árvores contam histórias
Natureza incomparável
Eventos que marcam nossas vidas
Inteligentes são as pessoas que gerenciam esse lugar
Relinchos dos cavalos são os sons mais legais
As pessoas nesse lugar têm muito amor no coração.
João Vitor da Silva Osório



Na visita, os alunos ficaram sabendo que um dos seus colegas, o Matheus, é um craque do laço – e quem contou foi a Letiele, que entende muito bem do assunto. A turma ficou orgulhosa, e o acróstico que ele escreveu mostra bem sua vibração diante dos cavalos, dos peões, das competições.

Cultura gaúcha
Ansioso para laçar
Muito nervoso quando erro
Piquete costaneira
Eu gosto muito de cavalos
A cancha de laço é grande
O rodeio é muito legal

Dupla de laço
Eu gosto muito de laçar

Laço individual
A porta do piquete é linda
Laço é feito de couro
O piquete é muito legal.
Matheus Henrique de Oliveira Martins

O Thalles mostrou o quanto ele gosta do seu bairro, Progresso, que aparece no nome do Piquete.

Progresso

Pracinhas da Progresso são divertidas para as crianças.
Respeito sempre encontramos nesse lugar
Ordem e organização temos aqui
Garantia de coisas que podemos conquistar
Raciocínio e chances para todos os problemas
Escolas são muito importantes para nossa educação
Sociedade que vive em harmonia
Sorrisos alegres por pertencer
Orgulho de pertencer a este lugar.

Thalles Cardoso Moreira

INSTITUTO VETERINÁRIO DESIDÉRIO FINAMOR

EMEF La Hire Guerra

Professoras Fernanda Moura Velleda e Viviane Pedroso Barth

Turma 8ºB

A turma da La Hire Guerra ficou conhecendo um lugar que a maioria dos moradores de Eldorado do Sul – ou melhor, de qualquer cidade – só conhece de ouvir falar: um laboratório de pesquisas científicas. Visitaram o Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor, respeitado no mundo todo, por fazer diagnósticos e estudos sobre parasitas. Sua sede fica no meio de um parque de 370 hectares, no bairro Sans Souci.

Esse nome, que parece saído da imaginação de um escritor, homenageia um secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, já falecido. Antes disso ele se chamava Instituto de Biologia Animal e ocupava um sobrado no centro de Porto Alegre. Desde 1948, a sede é o edifício imponente que os alunos visitaram.

As pequenas reportagens que eles escreveram sobre esse passeio incrível pelo mundo das ciências biológicas proporcionam ao leitor a oportunidade de ir até lá com eles.

Em uma tarde nublada, fomos de ônibus ao IPV (Instituto de Pesquisas Veterinárias). Chegando lá nos apresentaram o local, ele era dividido em laboratórios e pudemos conhecer três deles. No primeiro, fomos ver sobre a doença da raiva, através dos morcegos. Pudemos conhecer cinco morcegos diferentes que viviam em biomas distintos. Aprender sobre eles foi muito legal. No segundo fomos ver os carrapatos e descobrir as diferenças entre machos e fêmeas, também foi muito interessante vê-los no microscópio.

Uma das partes mais emocionantes foi quando visitamos o terceiro laboratório e colocamos jalecos e luvas e utilizamos materiais de laboratório para descobrir o DNA dos morangos.

Daniel Kocznykowski do Amaral, Fernando dos Santos Fajardo, Henrique Silveira Santana, Henrique Brayann Lima da Rosa, Kaua Ferreira Schornen e Thalysson Leandro Schvuchov da Rocha



O assunto mais estudado pelo IPV são os carrapatos e as doenças que eles transmitem. Os pesquisadores buscam maneiras de fazer prevenção, de controlar a multiplicação e contornar a resistência dos parasitos aos venenos. As doenças causadas por carrapatos são um pesadelo para os pecuaristas, pois dizimam rebanhos e causam enormes prejuízos. E, pior ainda, eles ameaçam a nossa saúde.

A Fernanda e o Raul, que viram de perto como é feito um desses estudos, relatam a experiência:

A contagem dos carrapatos

Conhecemos o ciclo de vida de um carrapato e fizemos a contagem deles, num laboratório. Era um teste para verificar se um produto tinha sido eficaz ou não, para matar o parasito. Contávamos o número de carrapatos vivos e mortos. Pegávamos um tubo que sugava o carrapato vivo e tínhamos que apertar um botão de um contador. No final contávamos quantos carrapatos mortos sobravam no papel.

Pegamos 71 carrapatos vivos e 2 mortos. A experiência serve para ver se um produto é bom para determinada empresa usar em seus animais, para o controle dos carrapatos. Foi muito legal conviver e aprender com eles.

Fernanda Pereira Ribeiro e Raul José Rodrigues Filho



A Eduarda e a Luiza, entraram no laboratório dos morcegos e – nossa, que corajosas! – até tocaram neles!

Os morcegos e a raiva

Vamos contar um pouquinho sobre a experiência que tivemos com os morcegos. Eles são transportadores de raiva, porém, nem todo morcego tem raiva, mas todos podem ter. O principal transportador de raiva chama-se *Dermandus rotundos*, ele chupa o sangue, mais ou menos como um mosquito, ele é um “hematófago” e é o mais comum em áreas rurais. O morcego *Tadarida brasilliensis* é o mais comum em telhados de casas. Conhecer sobre as diferentes raças, características e conseguir tocar os morcegos, foi uma experiência inovadora e marcante em nossas vidas.

Eduarda Carvalho Machado e Luiza Lucena Soares

A Janaína e a Catherine mexeram com materiais de laboratório, como proveta e pipeta. O tema do estudo que elas acompanharam era bem mais fofo que o das amigas e dos amigos: morango! Ou melhor: o DNA dos morangos. Elas reproduziram aqui a lista de materiais para a extração do DNA do morango:

- 1 saco plástico tipo “ziploc”;
- 1 morango (fresco ou congelado);
- Solução de extração de DNA (50 ml de detergente + 15 g de sal + 900 ml de água);
- 1 proveta graduada pequena;
- 1 elástico;
- 1 pedaço de gaze dobrada;
- 1 palito;
- 1 béquer;
- Tubos de ensaio em uma estante;
- 1 pipeta descartável;
- Álcool 96° gelado.

E por fim, mas não por ordem de importância, elas ensinam para que serve, afinal, esse teste:

O DNA dos morangos é útil para que a gente descubra o porquê de alguns morangos serem mais resistentes à praga que outros.

Janaína Jardim dos Santos
e **Katherine de Sousa Novakoski**



Alguma coisa naquele edifício solene do Instituto e nas sombras das árvores à sua volta – ou terão sido os morcegos? – fez a imaginação da Luiza viajar. Depois do passeio, ela deu um tempo na ciência e nos laboratórios e escreveu um conto – uma pequena ficção quase de terror, baseada numa lenda cultivada no Instituto.

A noiva da figueira

Uma história antiga... dessas que o tempo carrega, mas nunca apaga de verdade. Reza a lenda que, no Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor, bem naquela estrada que passa do lado direito do prédio principal, existe até hoje uma figueira enorme. Uma árvore antiga, sombria, cheia de galhos retorcidos que lançam sombras esquisitas pra quem passa por ali. E é sob essa figueira que tudo aconteceu...

Foi há muitos e muitos anos. Era um tempo diferente... tempo em que pai decidia tudo na vida dos filhos – até com quem iam se casar. E foi nesse tempo que viveu Amália. Ah, Amália... a moça mais bonita que aquele lugar já viu. Bonita por fora e por dentro também. Prendada, virtuosa, cheia de graça. Só que o pai dela... era um homem duro, mandão, desses que não aceita um “não”. Ambicioso, só pensava em crescer, em aumentar as posses da família.

Um dia, ele resolveu que Amália tinha que se casar. Mas não era com qualquer um, não – tinha que ser com o primo Francisco, o mais rico da família, filho do irmão mais velho. Pra ele, aquilo era o melhor negócio que podia fazer. Só que o velho não sabia de uma coisa: Amália já estava apaixonada. E era por um rapaz proibido – filho de um desafeto da família.

Eles se conheceram num domingo, depois da missa. Ela saiu antes da hora e o encontrou prendendo o cavalo num galho baixo da figueira. Foi só uma conversa boba, mas bastou. Foi ali, debaixo da sombra da figueira, que o amor nasceu. Desde então, eles se viam em segredo, uma vez por mês, bem ali na sombra da figueira, enquanto o povo rezava na igreja e ninguém desconfiava.

Mas aí... veio a notícia. O pai de Amália tinha decidido: ela ia se casar com Francisco. E pronto. Sem conversa. Amália chorou, implorou, se ajoelhou, mas o pai não arredou o pé. E jurou: “Mato quem se intrometer nesse

casamento”. Trancou a filha em casa até o dia do casamento. Nem pra missa ela pôde mais ir. Estava selado o destino da moça.

Amália foi honesta com o noivo arranjado. Disse:
– Francisco, se você me ama, não case comigo.

Ele não entendia. E ela explicava:
– Meu coração não é seu... na verdade, meu coração não é nem meu.

Mas ele insistia, achava que, com o tempo, ela acabaria gostando dele. E o casamento aconteceu. Uma festa daquelas, cheia de fartura. Muita comida, música, convidados de todos os lados – menos, claro, a família do amado Antônio. No meio da festa, Amália pediu licença. Dando a desculpa que ia se trocar. E sumiu. Ninguém sabia onde estava. O noivo começou a procurar, desesperado. Rodou tudo e nada. Foi quando ele saiu para procurá-la na rua e encontrou um velho estranho na estrada. Alto, magro, pálido. Tinha um olhar que dava calafrio. Francisco perguntou:
– O senhor viu uma moça por aqui, vestida de noiva?

E o velho respondeu:
– Sim. Ela saiu correndo em direção à estrada do arroio do conde.

E lá foi Francisco, tropeçando pela estrada de terra. E então... encontrou. Sob a figueira. Vestida de noiva. Pendurada por um lenço branco. Amália se enforcou. Casou, como prometeram, mas nunca seria sua mulher, como tinha jurado. Francisco ficou louco. Gritava aos céus:
– Eu te amei! Eu te matei!

Dizem que ainda hoje, nas noites escuras, quem passa por baixo da figueira ouve um baque seco. Como se fosse um corpo balançando no ar. E tem quem jure que, à meia-noite, dá pra ver a noiva, vestida de branco, pendurada no galho mais alto.

Luiza Lucena Soares

A beleza do relato de Luiza vai fazer a história de Amália circular em outros lugares, para além dos portões do Instituto.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL AGRONÔMICA/UFRGS

EMEF Paraná
Professora Aline Moraes Martim
Turma 8ª A

EEA-UFRGS, Estação Experimental Agronômica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse nome tão comprido que lembra um trem de muitos vagões combina bem com um lugar que acomoda tantas atividades. Como os alunos da EMEF-Paraná puderam ver, acontecem na Estação pesquisas e aulas práticas de três faculdades da Universidade do Rio Grande do Sul – Agronomia, Zootecnia e Veterinária. Futuros profissionais que ainda estão se formando ou já formados, em fase de pós-graduação, se aproximam ali do mundo que escolheram para trabalhar – campo, floresta, lavouras, criações de animais e até uma reserva do bioma da Depressão Central do Rio Grande do Sul, uma das poucas áreas ainda intocadas neste importante bioma.

É um parque enorme – 1560 hectares. Cabem lá dentro plantações de grãos, frutas e hortaliças, de ervas medicinais e aromáticas e de forrageiras, espécies destinadas à alimentação dos animais. Cabem também criações de bovinos de corte, de búfalos, de carneiros, de aves e de abelhas, necessárias para as pesquisas de zootecnia. Uma estação meteorológica automatizada apoia os estudos meteorológicos envolvidos na agricultura. Também se investiga ali a conservação do solo, da água e da biodiversidade.

Chegar perto dos campos e das lavouras, observar os rebanhos e admirar a vastidão da paisagem mexeu com a cabeça e o coração dos visitantes. Mostrou uma grande variedade de profissões ligadas à terra – agronomia, zootecnia, veterinária, biologia animal, engenharia florestal... E despertou muitas reflexões. O Bernardo e o Rafael, por exemplo, perceberam a harmonia que a vida no campo pode irradiar.



Sonhei

Eu queria ter uma fazenda, céu limpo, vento gelado
soprando a plantação, os bichos correndo pelo campo,
porcos fazendo seus róin, róin e se deitando na lama,
galinhas comendo milho.

Nos pés um sonho e na mente outro, uma fazenda
não é barata, mas, quando um dia entrei na cabine
da colheitadeira, vi que a fazenda tem muitas
responsabilidades, arar o campo, tratar os animais bem,
também senti a emoção de viver feliz, meu sangue
vermelho se tornou verde, pois essa vida é tranquila
e liberta, se tratarmos todo mundo bem. Quando o
fazendeiro vai à cidade, fica louco de tanta saudade.
Bernardo Godinho Rodrigues e Rafael Dalessandro Limberger dos Santos

A Julia viu no trabalho cuidadoso do agrônomo, voltado para a terra, semelhança com um médico atento ao seu paciente ou, até, como ela descreve com muita poesia, com um mago que regesse a natureza. Na terra fértil onde a vida brota

vai o agrônomo, firme, passo a passo,
com olhar atento, a alma devota,
transforma o campo em verde abraço.
Entre enxadas, sementes e saber,
lê o solo como um velho livro,
cuida da planta antes de nascer.
Dá ao futuro um destino mais vivo.
Estuda o clima, o tempo e a estação,
com mãos na terra e a ciência na mente.
Respeita o ciclo, a nutrição,
e ouve o campo, calmo e paciente.
Julia Souza dos Santos

Nehal ficou impactada pela beleza do cenário. Desenhou uma árvore coberta de flores e pássaros, e descreveu com este poema a sua admiração.

Folhas verdes verdes é...
Lindo como a natureza
não existe qualquer.

A natureza é tão linda
Por que o homem ainda
Insiste em destruí-la? Doce
como as flores não existe
nada.
Nehal Mohamed Subhi Mussa



Além de todos os seus recursos práticos para formar profissionais do campo, a Estação Experimental da UFRGS abriga um tesouro histórico, a capela de São Pedro, conhecida como “Capelinha”.

Construída em 1893 pelos proprietários da fazenda que existia ali no passado, ela servia, como as capelas de fazendas, em geral, às celebrações da família do fazendeiro e aos moradores das proximidades, que a utilizavam para seus batismos e casamentos.

A Capelinha é uma construção singela, de 59 m², caiada de branco. No interior simples, de poucos enfeites, encontra-se o altar e um conjunto de quatro genuflexórios de madeira. Dois brasões nas cores amarela, vermelha e azul representam a família portuguesa Ferreira Porto, os primeiros proprietários da fazenda. Um renque de doze palmeiras altas, que já se encontravam ali quando a universidade comprou as terras em volta, enfeita a parte externa.



Yasmin se inspirou na explicação de que as árvores simbolizam os doze apóstolos, discípulos de Jesus, e escreveu sobre elas:

Diante da capela
doze palmeiras,
apóstolos firmes,
guardiãs ligeiras.
Entre elas, Judas,
em sombra e luz,
mistério e traição
sob a benção de Jesus.
No vento sussurram
histórias de fé,
doze palmeiras em pé.
Sempre a proteger.
Yasmin da Silva Schefer

Melina olhou com respeito para a antiguidade da construção, que guardou até os nossos dias um pedacinho do passado.

Esse é o prédio mais antigo do município. E pensar que uma fazenda inteira foi vendida com a única condição de nunca destruir a capela.

E ela segue aqui de pé, contando sua história ao longo dos séculos.

Ela está de cara nova, mas sempre carrega um pedacinho de sua origem.
Melina Menezes de Souza

GUAÍBA COUNTRY CLUBE

EMEF Paraná
Professora Aline Moraes Martim
Turma 7ªA

Para muitos moradores de Eldorado do Sul, o Guaíba Country Clube traz à lembrança algum momento feliz. Sua sede tem salões de festas, restaurante e piscinas. Um grande parque arborizado, à beira do lago, abriga áreas de camping, onde se estacionam trailers e se armam barracas. Em toda parte, churrasqueiras, bancos, mesas e brinquedos infantis, como balanços e escorregadores, convidam ao descanso e à diversão. Dá para entender que as famílias queiram fazer ali as suas festas, que as empresas escolham o lugar para eventos e que escolas da cidade, como a EMEF Paraná, que fica bem próxima, na mesma rua, gostem de fazer lá suas festas de formatura.

O Victor conta por que gosta de ir ao clube:

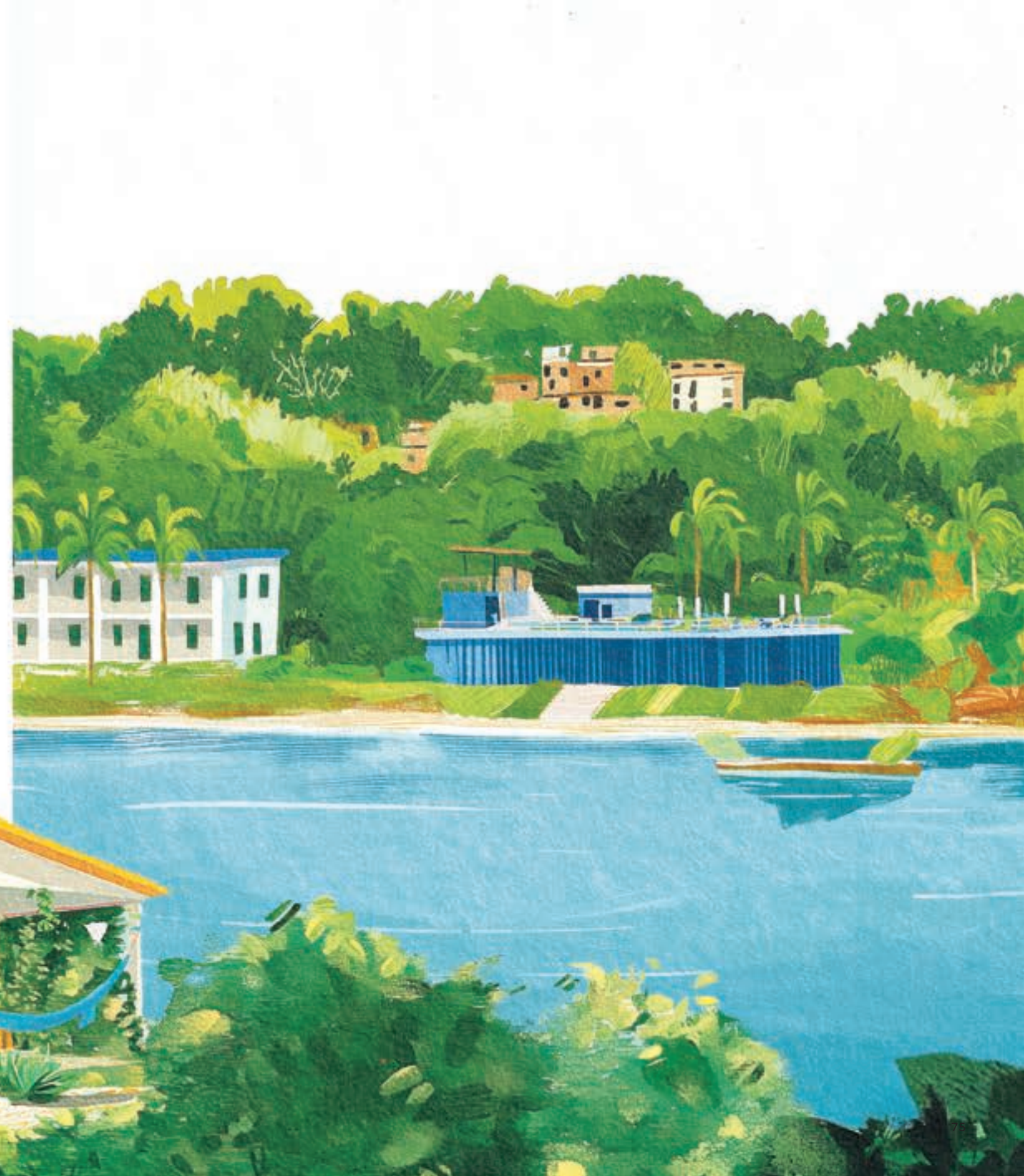
É um lugar muito lindo e bem construído, um belo lugar pra passar o tempo, lugar com muita vida e feito com muito amor, com coisas muito legais pra alegrar qualquer um.

Victor Mioli Govoni

A Vitoria acha importante para a cidade ter um lugar como esse, afinal...

A vida não é só sobre trabalhar, mas também ter um tempo para DESCANSAR.

Vitoria Daniele Bielavski da Rosa



Em 1905, foi construída ali uma casa, cujas ruínas, com grossas paredes de barro, ainda de pé, atraem visitantes curiosos. Era a sede da fazenda que um coronel, Zeca Porto, herdou do pai, que por sua vez herdara da tia, baronesa de Acahy, perto do que seria mais tarde a BR-209. A fazenda do coronel era uma fração de uma propriedade imensa, que vinha passando de mão em mão havia séculos, por herança ou por aquisição.

O Ítalo fez uma entrevista como Everton, administrador do clube, para conhecer a história do lugar:

P – O que havia aqui no passado?

R – As terras onde hoje se situa o clube pertenciam a uma fazenda, cujo dono apostava em corrida de cavalos e aos poucos foi perdendo as riquezas e vendendo a área. Como o solo era muito encharcado (e impróprio para o cultivo) foi vendido para moradias.

P – O que é o Guaíba Country Club?

R – O Guaíba Country Club é uma das regiões da propriedade original, vendida para o fundador do clube. A ideia inicial era fazer um condomínio fechado, com uma área de 59 hectares.

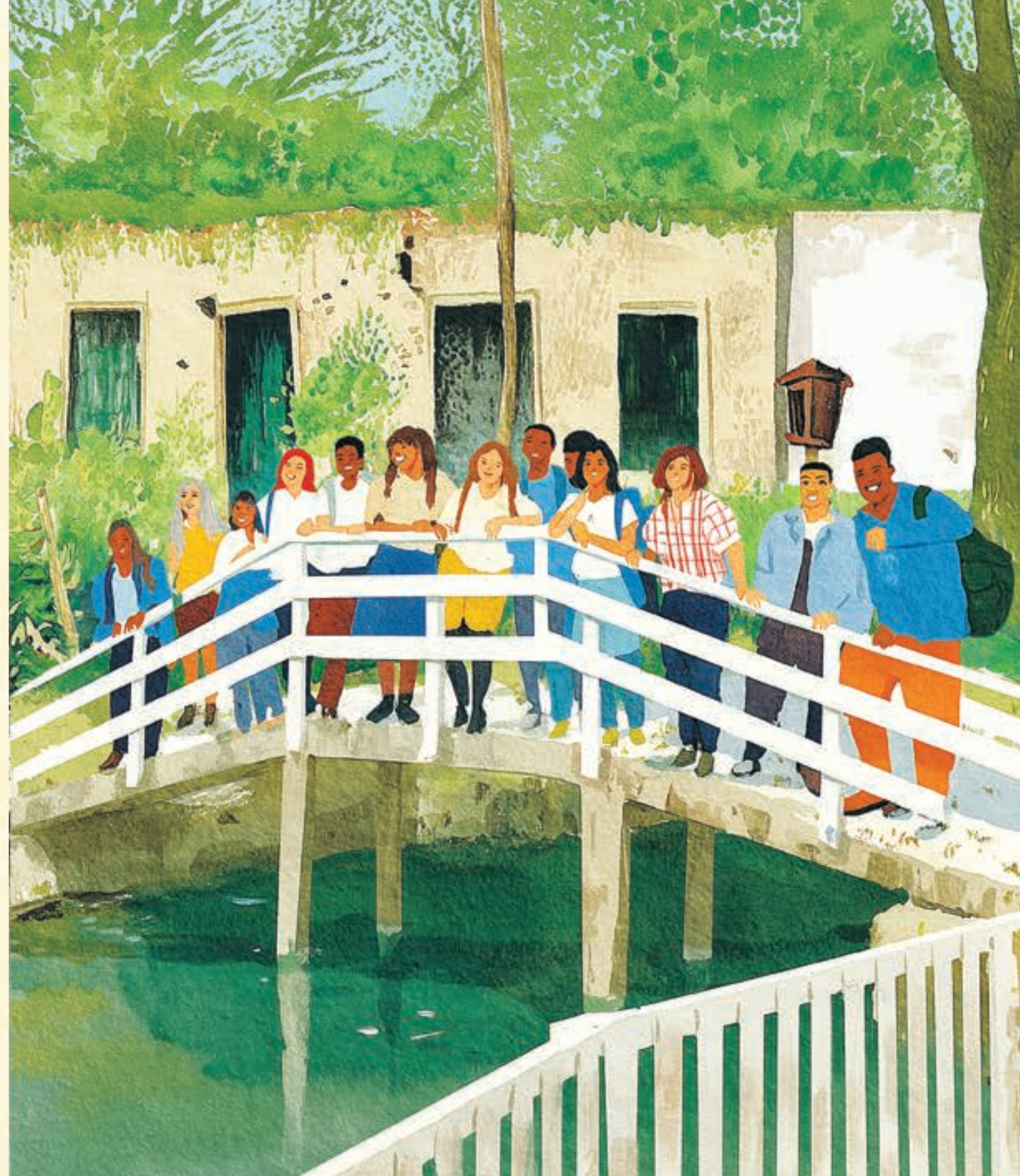
P – Por que o Guaíba Country Club não é um condomínio fechado?

R – Inicialmente o lugar era frequentado só pela elite, que construiu casas para lá veranejar. Para não deixá-las abandonadas até o verão seguinte, os proprietários contratavam caseiros, e havia muita discriminação. Mas em 2008, por causa de ações judiciais, o Guaíba Country Club deixou de ser um condomínio restrito.

P – Quem eram os antigos moradores?

R – Eram geralmente famílias de europeus que se mudaram para o Brasil, e muitas delas foram importantes para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

Ítalo dos Santos da Silva



Uma das atrações preferidas do clube para crianças e adolescentes não estava nos planos de seus fundadores: são as capivaras que habitam as margens do lago. A Lívia se interessou tanto por essas frequentadoras do clube que virou quase uma “capivaróloga”. Olha só tudo o que ela tem para contar:

O clube e suas capivaras

- As capivaras já foram chamadas de carpincho ou chiguiro, e esses são só dois nomes dos 190 que já deram às capivaras.
- Elas são consideradas “o maior roedor do mundo”.
- Uma capivara fêmea no Brasil bate o recorde – robustos 90 quilos.
- Você sabia que os dentes molares das capivaras nunca param de crescer?
- As capivaras fêmeas começam a reproduzir com um ano e três meses de idade.
- Elas podem chegar a viver 10 anos e são capazes de produzir no mínimo 36 filhotes durante a vida.
- As capivaras fazem parte da família *Caviidae*.
- Você sabia que o dia 14 de setembro é o dia internacional da capivara?

Lívia Díaz Alves



A Isabel também descobriu curiosidades fascinantes, em sua pesquisa sobre o roedor. Ficou sabendo que a capivara é:

Nadadora nata.

- Fica até 5 minutos embaixo da água.
- Extremamente sociável.
- Vive em grupos de até 30 (ou mais).
- Dorme de olhos abertos para vigiar predadores até dormindo.

E agora, um alerta para os leitores sensíveis: não leiam o próximo item!!!!

- Ela come o próprio cocô para reaproveitar nutrientes.

Isabel Rebeca Godoy Araújo

Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Assistência de coordenação: Michelle Soares
Texto final: Marta Góes
Ilustrações: Estúdio Rebimboca
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Barbara Garcia
Revisão: Fernanda Alvares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

1ª edição, 2025

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© Marta Góes e Estúdio Rebimboca, 2025
© Editora Olhares, 2025

Impressão: Leograf
ISBN: 978-65-6092-067-5



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

G598e Góes, Marta.
Eldorado do Sul : a cidade da gente / organização Marta Góes ; ilustrações Estúdio Rebimboca — São Paulo : Olhares, 2025.
80 p. : il. color. ; 25 cm.
ISBN 978-65-6092-067-5
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural. 4. Cidades.
5. Agricultura. 6. Eldorado do Sul (RS). I. Estúdio Rebimboca. II. Título.
CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle — CRB-8/10366

patrocínio



produção executiva



parceria



realização



Era uma vez Eldorado do Sul.
Um dia as crianças e os adolescentes
que moravam lá perceberam que a
história da cidade era a sua própria
história...

A agricultura familiar, o Piquete
Progresso Costaneira, o Instituto
Veterinário, o aeroclube, entre outros
patrimônios, fazem parte dessa
narrativa, investigada e escrita pelos
estudantes das escolas municipais.



patrocínio

produção executiva

parceria

realização



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



OLHARES

INSTITUTO

aegea



corsan

ce

doble.
cultura



**Eldorado
do Sul**

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO